

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-11-02

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Carvajal, I. C. V. & Moleiro, C. (2012). Adoção interétnica em Portugal: motivações, experiências e integração psicossocial. *Transcultural*. 4 (1), 11-27

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Carvajal, I. C. V. & Moleiro, C. (2012). Adoção interétnica em Portugal: motivações, experiências e integração psicossocial. *Transcultural*. 4 (1), 11-27. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

RUNNING HEAD: Adoção Inter-Étnica

Adoção Inter-Étnica em Portugal:
Motivações, Experiências e Integração Psicossocial

Isabel Cristina Varón de Carvajal ¹

&

Carla Moleiro

Instituto Universitário de Lisboa –ISCTE-IUL / CIS-IUL, Lisboa, Portugal

Novembro 2012

¹ O presente trabalho foi desenvolvido pela primeira autora no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Comunitária e Protecção de Menores em 2010, no Departamento de Psicologia Social e das Organizações, no Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, orientada pela segunda autora.

Resumo

Este artigo apresenta uma temática ainda por estudar no contexto português - a adoção inter-étnica. Este estudo teve como objetivo explorar as motivações e experiências de um grupo de pais que adotaram crianças de uma origem étnica diferente da sua. Participaram no estudo 13 famílias, as quais responderam a uma entrevista semi-estruturada de profundidade. Os resultados destacam que estas famílias inter-étnicas por adoção apresentam dificuldades acrescidas relacionadas com as características étnicas das crianças que tornam visível a adoção, sendo desta forma expostos todos os elementos da família a situações de discriminação e preconceito, afetando todas as partes envolvidas e ocasionando sofrimento e fragilizando ainda mais a criança. As implicações dos resultados são discutidas em termos dos serviços específicos de pré- e pós-adoção, que prestam assistência a estas famílias e aos adotados.

Palavras-Chave: Adopção inter-étnica; Etnia; Famílias adoptivas; Preconceito;

Abstract

The present article presents a study in an area that has received no attention in the Portuguese context – inter-ethnic adoption. The study aimed at exploring the motivations and experiences of parents who adopted children from different ethnic backgrounds. A total of 13 families participated in the study, through a semi-structured in depth interview. The results indicated that these adoptive inter-ethnic families present additional difficulties related to the ethnic characteristics of the children, which make adoption visible, in that all the members seem to be exposed to experiences of discrimination and prejudice, which affect all the members involved and lead to suffering and further vulnerability of the child. Implications are discussed in terms of specific pre- and post-adoption services, to care for these families and the adoptees.

Key-words: Inter-ethnic Adoption; Ethnicity; Adoptive families; Prejudice;

Introdução

As famílias adotivas têm um ciclo vital complexo. Na adoção, a família nasce com a chegada da criança, que chega com a sua herança genética e com uma experiência de vida anterior, muitas vezes negativa. De um outro lado, existe um casal ou pessoa singular, que procurou preparar-se para a chegada daquela criança, embora possa(m) não estar psicologicamente preparado(s) para a sua chegada de forma efectiva (Relvas & Alarcão, 2002). Pais e crianças iniciam um processo de adaptação mútua e a construção de uma forte ligação, desenvolvendo-se a parentalidade psicológica. Deste modo, para além das tarefas que qualquer família deverá realizar, o desenvolvimento da família adoptiva centra-se em tarefas relacionadas com, por exemplo, a aceitação de uma possível infertilidade do casal e a decisão da adoção, a adaptação da criança à família, a revelação da própria adopção, o apoio a prestar à criança para lidar com o sentimento de perda dos laços afectivos anteriores e para fomentar uma imagem positiva de si própria – estes são alguns dos desafios e especificidades que tornam a família adoptiva diferente da família biológica (Brodzinsky et al, 1992, 1998).

Ser adotado significa sentir-se diferente dos outros e, muitas vezes, sentir-se diferente dos outros significa uma perda (Brodzinky, 2011). A perda experimentada pela criança adotada centra-se quase tanto na sua identidade, como na relação perdida com os pais biológicos, já que a vida daquela criança vai ser completamente diferente do que *deveria* ter sido. Não ter qualquer vínculo genético com a família adoptiva representa outra perda. A adoção significa crescer sem ninguém fisicamente parecido à sua volta (Brodzinky, 2011).

Assim, a adoção é um processo legal e biologicamente diferente do nascimento de um filho numa família biológica, e interessará perceber as especificidades da família adoptiva, e do impacto da etnia e a cultura no processo de integração no meio sócio-

familiar. Na adoção inter-étnica, os aspectos relativos às diferenças genéticas e físicas entre a criança e a família tornam-se particularmente visíveis, quer para os elementos da família, quer para o exterior (Brodzinky, Schechter & Henig, 1992).

A adoção inter-étnica, quer nacional, quer internacional, tem-se revestido de críticas e controvérsias particulares, encontrando-se até há poucos anos uma ausência de consenso na literatura sobre os seus efeitos nas crianças (Lee, 2003). Com efeito, as adoções inter-étnicas, e em particular as adoções internacionais, têm aumentado anualmente em termos globais (Lee, 2003), estimando-se que mais de 40,000 crianças sejam adotadas internacionalmente, envolvendo um movimento entre mais de 100 países (Juffer & Van IJzendoorn, 2005). Ainda assim, a literatura dos opositores à adoção inter-étnica apontaram para as dificuldades destas crianças ao nível do desenvolvimento da sua identidade étnica e correspondente auto-conceito (e.g. McRoy et al., 1982; Simon & Alstein, 1996). Essas dificuldades de integração intra-pessoal, familiar e cultural conduziram alguns países a desencorajar as adoções inter-étnicas, como é o caso do Reino Unido, com base nos seus possíveis efeitos detrimenais (Juffer & van IJzendoorn, 2007). No Reino Unido e EUA, muitos dos envolvidos nestes processos de adoção manifestaram hostilidade diante de pais brancos que adotam crianças negras, argumentando o facto de as diferenças étnicas gerarem uma identidade confusa nas crianças e, simultaneamente, uma identificação confusa com outros grupos raciais (Russell, 1995, cit in Howell, 2004). Outras variáveis relacionadas com a procedência étnico-cultural das crianças podem também ser determinantes no processo de sucesso na integração nas famílias adotivas, bem como a sua idade aquando da adoção (Juffer & van IJzendoorn, 2007).

Apesar das controvérsias que a têm revestido, bastantes autores defendem, com base nos dados a que atualmente a comunidade científica tem acesso, que a adoção

inter-étnica não tem necessariamente impactos negativos no desenvolvimento da auto-estima, identidade étnica e ajustamento global das crianças (Grotevant, 2008; Juffer & Van IJzendoorn, 2005, 2007). Por exemplo, na Noruega, país com uma importante experiência em adoção internacional desde finais dos anos cinquenta e início dos sessenta, são adotadas aproximadamente seiscentas crianças por ano procedentes de diversos países. Apesar do desenvolvimento das tecnologias reprodutivas, tem-se verificado neste país um aumento de adoções de crianças provenientes de outros continentes, tendo-se verificado que a maioria dos adotados não apresenta problemas de adaptação (Bestard & Marre, 2004). Os dados revelaram que filhos adotivos transnacionais encontraram-se bem integrados e aceites socialmente, em comparação com os imigrantes e os seus filhos (que eram mais excluídos).

Em 2005, Juffer e IJzendoorn realizaram uma meta-análise para determinar os efeitos da adoção internacional nos problemas comportamentais e na saúde mental das crianças adotadas. Com uma análise de mais de 90 estudos, que envolveram mais de 25,000 crianças adotadas, os autores concluíram que a maioria das crianças adotadas tinha um ajustamento psicológico positivo e que as crianças adotadas internacionalmente tinham inclusivamente menos problemas comportamentais que as crianças adotadas dentro do mesmo país. Numa outra meta-análise, os mesmos autores (Juffer & van IJzendoorn, 2007) procuraram os efeitos da adoção inter-étnica e internacional no desenvolvimento da identidade e na auto-estima das crianças. Os autores afirmaram que “a nossa análise que envolveu mais de 2,000 crianças adotadas mostra que não há diferenças na auto-estima entre as adoções inter-étnicas e da mesma origem étnica” (p.1077). Do mesmo modo, encontraram uma ausência de diferenças entre adoções internacionais e nacionais. As únicas diferenças encontradas nesta meta-análise distinguiram apenas as crianças adotadas das que se encontravam em contexto

de acolhimento institucional, com estas últimas a demonstrar índices inferiores num conjunto de variáveis (incluindo auto-estima), suportando a ideia de que a adoção é uma intervenção eficaz na vida das crianças (como já vem sendo documentado largamente na literatura; ver Van IJzendoorn & Juffer, 2006).

Ainda assim, diversos autores têm estudado os desafios específicos das famílias adotivas inter-étnicas, salientando-se o impacto do stress devido à discriminação percebida pelas crianças e pelos pais (Lee and the Minnesota International Adoption Project, 2010). Efectivamente, as experiências de preconceito e discriminação têm surgido na literatura como um factor de risco para o desenvolvimento de problemas de comportamento de crianças e adolescentes adotados internacionalmente, sendo que essas experiências de discriminação parecem ser comumente reportadas pelas famílias (Lee, 2003). Com efeito, é nas famílias que reportam mais experiências de discriminação que as crianças e adolescentes apresentam mais problemas de comportamento, surgindo como factor de moderação a origem étnica das próprias crianças (i.e. nos E.U.A, é em famílias com crianças da Asia e América Latina que se verifica esta relação; Lee and the Minnesota International Adoption Project, 2010). Estes dados são apontados pelos autores como indicadores da importância do apoio prestado por serviços pós-adoção para aspectos que se prendam com o estatuto de minoria étnica, para as crianças e as próprias famílias.

Neste sentido, Lee, Grotevant, Hellerstedt e colegas (2006) têm contribuído para esclarecer alguns aspectos importantes na socialização cultural das crianças em famílias inter-étnicas, que não só sejam promotoras de um adequado desenvolvimento de identidade étnica das crianças, como promovam nestas e na família competências para fazer face a possíveis experiências de stress de discriminação. Por socialização cultural, os autores referem-se à forma como os pais lidam com as questões étnicas dentro da

família, nomeadamente as formas como estes transmitem valores, crenças, costumes e comportamentos à criança, e a forma como estas últimas internalizam estas mensagens e adquirem competências para funcionar numa sociedade diversa etnicamente. Tem sido defendido que é importante que os pais adoptivos façam um esforço claro e explícito para socializar culturalmente os seus filhos adoptivos, disponibilizando à criança valores e crenças sobre a sua cultura de origem – principalmente para as mais velhas (i.e. que são adotadas em idades mais avançadas e não enquanto bebés). Dentro desta socialização cultural, dois outros conceitos importantes têm sido propostos: (i) enculturação, referindo-se à crença e à prática dos pais de promoção de experiências que encorajem o desenvolvimento de uma identidade étnica positiva nas crianças, e (ii) socialização racial, que consiste na preparação da criança para as experiências futuras de discriminação e preconceito, através de prática de estratégias de *coping* adequadas. Igualmente, estes factores têm sido identificados como protectores em relação a experiências de racismo e discriminação. Lee et al (2006) concluíram que os pais que têm atitudes “*color-blind*” mais fortes (i.e. “somos iguais, e não há diferenças”) são os que menos procuram promover experiências de enculturação e socialização racial dos seus filhos adoptivos. Por seu turno, são os pais mais conscientes do ponto de vista da diversidade étnica e conscientes dos desafios apresentados pela discriminação racial que mais promovem estas aprendizagens, e que têm sido associadas a melhor bem-estar e identidade étnica mais ajustada. Mais uma vez, estes autores defendem a importância dos serviços de pós-adoção no estabelecimento de protocolos que prestem apoio a crianças e pais nesta área da socialização cultural, sendo que este apoio à família em serviços especializados deve, necessariamente, respeitar os ritmos e necessidades da criança ao longo do desenvolvimento e da própria família.

A temática da adopção inter-étnica não foi ainda investigada no contexto Português. Deste modo, o presente trabalho pretendeu explorar as motivações e experiências de um grupo de pais que adotaram crianças de uma origem étnica diferente da sua em Portugal (i.e. crianças de minorias étnicas), constituindo-se como uma primeira caracterização das suas vivências após a adoção. Assim, espera-se poder contribuir para a descrição das suas necessidades específicas e desafios encontrados, nomeadamente no âmbito da identidade étnica, auto-estima e socialização cultural das crianças adotadas, para que se possam desenvolver medidas que promovam a integração positiva das crianças e das famílias inter-étnicas adotivas.

Método

Amostra. Participaram neste estudo 13 famílias que recorreram, com sucesso, à adoção de crianças de origem étnica diferente da dos pais adotivos, residentes nos distritos de Lisboa, Leiria, Santarém e Setúbal. Destas, 9 eram famílias nucleares só com filhos adotivos; 3 eram famílias nucleares com filhos biológicos e adotivos; e 1 era uma família monoparental masculina adotiva.

Um total de 30 crianças vivia nestas 13 famílias, das quais 22 eram adotadas (o número total de crianças por família variava entre 1 e 5). Dez rapazes e 12 raparigas constituíam o grupo de crianças adotadas. Destas, apenas 1 tinha idade inferior a 3 anos; 6 entre 3-6 anos; 5 entre 7-10 anos; 8 entre 11-14 anos; e 2 entre 14-18 anos. A idade aquando da adopção variou entre menos de 1 ano e 12 anos, sendo que 8 foram adotadas antes de completarem 1 ano. Em 68% dos casos, as adoções decorreram há 1-6 anos atrás. Do ponto de vista da nacionalidade ou origem étnica das crianças adotadas, a maioria (n=13) era proveniente de Cabo Verde; 3 eram do Brasil; 2 eram oriundas da Tailândia, 2 da Guiné-Bissau e outras 2 de Moçambique.

O grupo de entrevistados (N=13) constituiu-se maioritariamente por mães (N=12) e apenas por um pai, com idades compreendidas entre os 40 e os 53 anos. Na descrição das famílias foi também considerado o/a companheiro/a da pessoa que acedeu à entrevista, num total de 25 adultos. Do ponto de vista da nacionalidade, 7 casais eram portugueses (ambos os adultos), e em 6 famílias havia pelo menos um adulto de nacionalidade não portuguesa (1 mãe suíça, 3 pais alemães, e 1 pai moçambicano). O nível de formação académica dos adultos era maioritariamente superior, com 17 adultos com licenciaturas (ciências sociais e humanas, engenharia, medicina, etc...) e 4 com formação pós-graduada (mestrado ou doutoramento). Assim, apenas 4 adultos tinham formação entre o 1º ciclo do ensino básico e o ensino secundário. O rendimento dos agregados familiares era maioritariamente médio-superior ou superior (chegando a rendimentos mensais superiores a 8000 euros). Oito famílias viviam em moradia, sendo que as restantes 5 residiam em apartamento – em todas, a habitação era propriedade do agregado familiar.

Instrumento. Foi elaborado um guião de entrevista semi-estruturada, que permitisse estimular uma conversação fluida e continuada (“*on-going conversation*”, Flick, 1992) e recolher a informação relevante de profundidade sobre os seguintes temas:

- Identificação do momento/acontecimento da vida familiar que deu origem à ideia da adoção.
- Perceção das motivações dos pais para a adoção de crianças de outra origem étnica.
- Identificação das especificidades da adoção inter-étnica.
- Identificação da forma como são vivenciadas as diferenças físicas e culturais do/a filho/a e qual o impacto (na família e no meio sócio-familiar).

- Exploração das estratégias da família para fazer face às questões relacionadas com as diferenças étnico-culturais do/a filho/a.

O guião da entrevista construído incluiu questões iniciais, em forma de breve questionário, sobre dados demográficos (idade, estado civil, grupo étnico, formação académica, composição do agregado familiar, rendimentos) para efetuar a caracterização da amostra e do seu contexto.

Procedimento. Para o recrutamento do grupo de entrevistados que participou no estudo, foram realizadas algumas diligências. Em primeiro lugar, foi enviado um pedido de colaboração por carta e endereçada à direção das entidades competentes em matéria de adoção. O mesmo pedido foi feito, via e-mail, a duas entidades privadas legalmente autorizadas para a promoção da adoção em Portugal e a mediação da adoção internacional. Estas últimas deram um parecer favorável, tendo feito circular o pedido de colaboração para o estudo via e-mail junto às famílias, que se disponibilizaram a participar no estudo. Para a obtenção das restantes famílias para entrevista, recorreu-se a uma amostragem em “bola de neve”, solicitando novos contactos de famílias conhecidas dos entrevistados após cada entrevista.

Foram realizadas duas entrevistas de “pré-teste/experiência”, tendo sido sugeridas alterações ao guião. Após as alterações ao guião de entrevista, as entrevistas realizaram-se entre os meses de Junho e Setembro de 2009. As entrevistas foram realizadas em diversos espaços: residência familiar (n=3), local de trabalho (n=2) e espaços públicos como cafés e esplanadas (n=8), de acordo com as disponibilidades e sugestões de cada família e o seu nível de conforto. As entrevistas tiveram uma duração de uma hora e meia cada, em média. Finalmente, as entrevistas foram transcritas literalmente, a fim de se proceder à sua análise.

O corpo de análise deste estudo foi constituído pelo material transcrito, resultante das treze entrevistas gravadas. A análise da informação obtida foi feita através de análise de conteúdo clássica (Bauer, 2000). Tratando-se de um estudo de carácter exploratório, as categorias emergiram da informação obtida através das entrevistas, com a repetição de ideias/argumentos, conforme a análise temática de conteúdo (ver Morant, 2006).

Resultados

Os resultados da análise de conteúdo encontram-se organizados e apresentados pelas principais questões/temas abordados nas entrevistas.

Tabela 1 - Surgimento da Ideia da Adoção

Categories	Frequência	Excertos exemplificativos
Projecto do Casal: Maternidade biológica e adotiva	6	<i>“Desde o início, nós tínhamos decidido adotar uma criança, mesmo tendo filhos biológicos.”</i>
Ideia da adoção presente desde criança	5	<i>“Eu sempre tive essa ideia! Sempre desde miúda. Sempre.”</i>
Após de verificar a infertilidade	3	<i>“Se não podemos ter os nossos, vamos tentar adotar um menino ou uma menina.”</i>
Proposta externa	3	<i>“As Assistentes Sociais daqui da zona ouviram-me falar [sobre ser mãe], lembraram-se de mim, propuseram-me e eu fiquei [com esta criança]”.</i>

A tabela supra denota que, na análise do “surgimento da ideia da adoção dos pais adotivos”, emergiram quatro categorias: maternidade biológica e adotiva como um projeto do casal; a ideia da adoção presente desde criança; após verificar uma situação de infertilidade do casal; ou proposta externa.

Tabela 2- Motivações para a Adoção

Categories	Frequência	Excertos exemplificativos
Desejo de constituir família ou completar a família	6	<i>“Temos uma aspiração legítima de constituirmos uma família.”</i>
Desejo de conciliar a maternidade biológica e adotiva	4	<i>“Na nossa idealização, pensávamos que teríamos um filho biológico e um filho adotivo.”</i>
Altruísmo/ solidariedade	4	<i>“Uma dimensão altruísta; era a nossa filosofia de vida”.</i>
Ter criança de sexo diferente	2	<i>“Queríamos uma menina.”</i>

Como é possível observar pela leitura da tabela 2, na análise das motivações dos pais para a adoção surgiram quatro categorias: “o desejo de constituir família ou completar a família” foi referido como maior frequência pelos entrevistados; o desejo de conciliar a maternidade biológica e adoptiva, e a dimensão altruísta e solidariedade como objetivo de vida foram categorias referidas com frequências menores; por último, o desejo em ter uma criança de sexo diferente, i.e., escolher o sexo da criança, foi apontado como motivação por 2 famílias.

Tabela 3 - Motivações para a Adoção Inter-Étnica

Categories	Frequência	Excertos exemplificativos
Sem preferência étnica	9	<i>“Era um filho de qualquer um dos 4 cantos do mundo. Portanto nunca a questão da etnia foi pensada e refletida, mas implicitamente esteve sempre presente.”</i>
Maior probabilidade em ter uma criança pequena	6	<i>“Quanto mais novo melhor, para todas as partes.”</i>
Celeridade no processo	4	<i>“No Instituto de Segurança Social, disseram-nos que andava à volta dos 6 anos, e nós dissemos que não estávamos dispostos a esperar tanto tempo. Então, através de alguns amigos, tentámos localizar outras possibilidades no estrangeiro, para que houvesse um processo mais rápido em relação a esses prazos que nos indicaram”.</i>
Menor risco de interferência dos pais biológicos	1	<i>“Não corremos o risco, de aqui a dez anos, aparecer-nos os pais deles”.</i>

A tabela anterior (Tabela 3) permite a constatação da existência de uma quantidade de famílias que não escolheram, no sentido estrito, adotar uma criança de etnia diferente – escolheram, sim, adotar uma criança, independentemente da sua

origem étnica ou cultural. No entanto, uma parte significativa de pais recorreu à adoção internacional, por considerar ser uma resposta rápida e a possível maior segurança (i.e. no caso de adoções internacionais). E um número elevado de famílias considerou que com a adoção internacional teria maior probabilidade de satisfazer o desejo em ter uma criança pequena. Em nenhum caso as famílias entrevistadas referiram a motivação explícita de se tornarem famílias inter-étnicas.

Tabela 4 – Perceção dos Pais sobre o Impacto da Adoção na Criança

Categories	Frequências	Excertos exemplificativos
Adoção percecionada de forma positiva	11	<i>“Desde os dois anos que ele sabe que é adotado, sabe as circunstâncias, sabe tudo... Portanto aqui não há perdas emocionais, como não há nenhum drama associado; há só ganhos, de tal maneira, que ele até transforma isso num trunfo social.”</i>
Desconforto com a visibilidade da adoção	9	<i>“Eles, às vezes, não querem ir connosco porque saímos em família e, como somos uma família diferente, há sempre aqueles olhares muito curiosos (...), olham para os miúdos com uns olhos!...”</i>
Sufrimento com desenvolvimento da sua identidade étnica	7	<i>“Eles próprios sofrem com isso: “Não gosto da minha cor, não gosto da nossa raça”; “Os meninos são iguais às suas mães e só tu é que não</i>

		<i>és igual a mim!””</i>
Ausência de impacto da adoção inter-étnica	3	<i>“Não teve uma educação na cultura dela, veio de lá com 15 meses.”</i>
Curiosidade em saber acerca da sua origem	2	<i>“Também está muito curioso; também gostava de saber, quem é que era o seu verdadeiro pai e a mãe e também gostava de saber se tinha irmãos.”</i>
Sufrimento devido à perda das referências afetivas	1	<i>“Ela chegava, por regra geral era ao fim do dia, e começava a ficar muito nostálgica, aninhava-se, vinha para o colo, e por vezes, dizia que queria ir para a tia.”</i>

Como é possível verificar na tabela anterior (Tabela 4), em relação ao impacto da adoção na criança, a maioria dos pais referiram que seus filhos revelaram sofrimento e manifestaram revolta quando verificaram que as diferenças físicas/étnicas (tom de pele, cabelo etc.) evidenciavam, no meio social, o facto de serem filhos adotivos; bem como descontentamento relativamente à sua imagem. No entanto, de forma geral, os pais avaliaram a adoção de forma positiva. Por último, foram referidas algumas situações em que os filhos manifestam interesse em saber acerca da família de origem e crianças que manifestam tristeza pela perda da relação significativa da pessoa que cuidava dela anteriormente.

Tabela 5 - Reação da Família Alargada à Integração da Criança

Categories	Frequencies	Excerpts illustrative
Discrimination and attitudes prejudiced face to origin ethnic	7	<i>“A minha sogra, que continua a fazer distinção entre os netos biológicos e “aqueles”, que é como ela fala, dos netos, “aqueles”, que ela pensa que são “os criados.””</i>
Reaction positive and acceptance	6	<i>“Na minha família, toda a gente reagiu muito bem: o avó, os avós tanto da minha família com a do X; toda a gente reagiu muito, muito bem!”</i>
Prejudice before adoption	3	<i>“Essa pessoa que se opunha, não era por ser uma adoção internacional, era pura e simplesmente por ser uma adoção.”</i>

No que diz respeito à reação à criança de outros familiares próximos (Tabela 5), alguns pais reportaram existir discriminação e atitudes preconceituosas, quer relativamente à própria adoção, quer em relação à origem étnica das crianças. Outros (cerca de metade) referiram atitudes de aceitação da criança no agregado familiar, e como fator facilitador da integração das crianças, a existência de familiares que também não eram de origem Caucasiana.

Tabela 6 – Perceção dos Pais sobre as Reações do Meio Social

Categories	Frequencies	Excerpts illustrative
------------	-------------	-----------------------

Discriminação e atitudes preconceituosas / racismo	6	<i>“Tive uma vizinha que disse aos meus vizinhos: Mas nós vamos ter uma preta, aqui no prédio?!”</i>
Discriminação positiva / pena da criança	6	<i>“Eu ainda me lembro disto, era “o menino” e o “coitadinho”, que por ser preto era coitadinho; no fundo é isso - davam um chupa ao Y e não davam às outras crianças que estavam ali ao lado, e isto parecia mesmo mal”.</i>
Aceitação e apoio	5	<i>“Portanto, vêem-nos como uma família gira.” “Houve muita gente que nos ajudou também; porque, no fundo no fundo, quando fomos buscar estas meninas, nós não pensávamos que fosse tão depressa.”</i>
Não identificam reações do meio	2	<i>“Acredito que haja situações menos... pessoas que olhem para as coisas de uma forma menos correta. Nunca me aconteceu.”</i>

Quanto à reação do meio social perante à adoção inter-étnica (Tabela 6), podemos verificar que os pais reportam algumas reações discriminatórias e racismo do meio social mais próximo (vizinhos). Da mesma forma, foram reportadas atitudes igualmente preconceituosas de simpatia e pena com relação à criança. Apesar dessas experiências, alguns pais que referem atitudes de solidariedade e apoio relativamente à família e, por fim, poucos pais não identificaram qualquer reação do meio.

Categories	Frequencies	Excerpts illustrative
Discrimination and Rejection Obvious	7	<p><i>“Ele era o único negro da turma. Era a palavra dos outros contra a dele. Então ameaçaram-no: “se tu não te portas melhor, vou fazer queixa à segurança social”;</i></p> <p><i>“Chamam-na a “preta”. Os garotos conseguem ser muito duros uns com os outros”</i></p>
Racism Subtle	6	<p><i>“Já tivemos de tratar de várias assuntos com alguns alunos e professores, por causa disso... Eu posso mesmo dizer esta frase: Eu sinto que ainda há muito racismo camuflado”.</i></p>
Reaction positive and inclusive	6	<p><i>“Na escola, penso que houve uma grande preparação antes da parte dos professores. Dos professores e mesmo dos catequistas, na catequese conversaram sobre isso.”</i></p> <p>(referindo-se ao processo de reconhecimento e aceitação das diferenças físicas e culturais dos pais e criança).</p>

Relativamente à integração escolar, encontramos que alguns pais fizeram referência a atitudes discriminatórias, quer das outras crianças em contexto escolar, como dos professores, fossem mais óbvias e agressivas, ou mais subtis ou camufladas. Outros referiram que foi positiva a preparação na escola, tanto aos alunos como aos pais, para o reconhecimento e aceitação, importantes para a inclusão e integração escolar das crianças.

Discussão

Este estudo teve como objetivo explorar as motivações e experiências de um grupo de pais que efectuaram adoções inter-étnicas no contexto português, dada a ausência de estudos sobre esta temática em Portugal, apesar de se ter constituído como um objecto de estudo socialmente relevante e controverso internacionalmente. O grupo das treze famílias que estudamos permitiram-nos caracterizar, de certo modo, um perfil sócio-demográfico das famílias adotivas inter-étnicas. Encontramos que, na sua generalidade, são famílias nucleares com filhos adotivos. A maioria dos pais é de nacionalidade Portuguesa, pertencentes maioritariamente a uma classe sócio-económica média-alta ou alta, em que ambos os elementos do casal auferem rendimentos do trabalho. Estes dados enquadram-se dentro das características dos pais adotivos referidas na literatura, relativamente ao meio sócio - cultural favorável na maioria dos pais adotivos (Juffer & Van IJzendoorn, 2007). O nível etário do casal é alto, situando-se algumas vezes entre 47 e 52 anos de idade (24% mulheres e 20% homens). Ainda podemos inferir que, de acordo com os resultados, a idade mais avançada dos pais adotivos, deste estudo, pode ser uma variável importante associada à procura da adoção internacional, como uma alternativa célere para a concretização do seu desejo. Por seu lado, a maioria das crianças são naturais de Cabo Verde e do sexo feminino. As idades mais frequentes, quando chegam ao casal, são os bebés com menos de 1 ano. De facto, de acordo com os estudos de adoção inter-étnica, quanto mais cedo ocorre a adoção (e em especial, a inter-étnica), menor é o risco de se manifestarem problemas psicológicos (Fensbo, 2003).

Em relação as variáveis relacionadas com a motivação/surgimento da ideia da adoção, a maioria das famílias inquiridas reporta a ideia da adoção como um projeto de vida - “conciliar a maternidade adotiva com a biológica” - ideia presente em pelo menos um dos elementos do casal. A motivação na sua generalidade é pelo desejo de

“constituir família ou completar a família” (Oliveira, 2007). Uma vez mais encontramos na literatura como uma das motivações para adoção, a presença de novas formas de família, na sociedade Portuguesa - casais com filhos biológicos que optam por ter mais filhos recorrendo à adoção (motivação não associada à problemas de infertilidade), existindo em estes casos a motivação subjacente de altruísmo (Oliveira, 2007).

Quanto à especificidade da adotar uma criança de outra etnia, verificamos que a maioria de pais, na sua intenção, não reporta preferência étnica/cultural, e recorreram à adoção internacional por ser a via mais rápida para a concretização do seu desejo quando comparado com o tempo de espera de uma candidatura à adoção nacional. As diferenças étnicas da criança são, à partida, uma característica inerente a este tipo de adoção. Este resultado pode indiciar uma baixa consciência étnica por parte destas famílias, o que colocará em maior risco as crianças para possíveis problemas de desenvolvimento de identidade étnica e/ou de comportamento, como tem sido evidenciado por Lee e colegas (2006, 2010). De facto, a literatura indica que é fundamental o papel da família na socialização cultural das crianças adotadas. Se estas famílias não referem explicitamente as questões étnicas como parte integrante da sua família e da sua motivação para a adopção, é menos provável que partilhem atitudes e práticas que promovam a discussão em família e a transmissão de estratégias de *coping* em relação ao possível preconceito e discriminação.

Com efeito, de acordo com a perceção dos pais sobre o impacto da adoção na criança, a maioria dos pais inquiridos referiu como os seus filhos revelam sofrimento, a dois níveis: quando adquirem consciência das diferenças físicas entre si e os pais, e quando no meio social se confrontam com o facto de a sua presença na família a tornar “diferente” por sair dos padrões e modelos de família “tradicional”. A este respeito, a literatura sugere que os serviços de pós-adopção na promoção de competências na

família para a socialização cultural podem ser fundamentais (Fresbo, 2003; Lee et al, 2006, 2010). Quando apoiadas adequadamente num período até 6 meses após a adoção (através de visitas domiciliárias, formação, aconselhamento familiar, grupos de apoio para pais adoptivos, etc...), não existem razões para que a adoção inter-étnica resulte em consequências negativas para as crianças adotadas (Juffer & Ijzendoorn, 2005, 2007), sendo que as crianças não manifestam dificuldades ao nível do seu ajustamento psicológico, problemas de comportamento ou de auto-estima, ao contrário do que inicialmente era defendido relativamente a este tipo de adoção. Estes dados podem também ser contextualizados à luz do estudo clássico de internalização da inferioridade racial entre as crianças brancas e negras nos E.U.A. (Clark & Clark, 1947), que demonstrou a clara preferência das crianças, desde cedo (3-4 anos de idade), por bonecas brancas em comparação com bonecas negras, revelando não só a consciência das diferenças raciais, como também que esta consciência não está necessariamente associada a uma auto-identificação correcta da criança em termos sociais. Mais ainda, destacou o evidente processo de formação de atitudes raciais, pela atribuição de características menos desejáveis (e.g. má) a bonecas negras, por parte das crianças a partir de um período crítico entre os 4 e 5 anos de idade.

No que toca à reação da família alargada à integração da criança, algumas famílias consideram que seus filhos são alvo de discriminação por parte de familiares próximos e por vezes têm atitudes preconceituosas relativamente ao facto de serem filhos adoptivos. Neste domínio, em contraste, a literatura destaca a importância no processo de construção e evolução da família adoptiva, a aceitação das diferenças por parte de todos os elementos da família, iniciando a própria família este processo de aceitação (Relvas & Alarcão, 2002).

Quanto à reação do meio em geral, tanto são reportadas atitudes discriminatórias e manifestações de racismo, como atitudes de simpatia e compaixão com relação à criança. Considerando que a adoção é uma prática recente na sociedade Portuguesa, acompanhada de transformações, económicas, políticas e sociais, podemos hipotetizar que as reações do meio social se enquadram na construção e interiorização de novas práticas e conceitos (como as novas famílias). Especificamente quando falamos do contexto escolar, são reportadas tanto atitudes positivas de inclusão, como resultado do trabalho de sensibilização pelo respeito e aceitação da diferença, como atitudes discriminatórias e racistas. De facto, quando fazemos a revisão da literatura, os estudos ao nível internacional sobre este tema apontam resultados preocupantes ao nível dos sinais de stress e tensão nos pais, face ao stress de discriminação e preconceito (Lee et al, 2010), sendo este um importante factor de risco para as crianças e adolescentes adotados. Este aspeto é importante a ter em conta, no acompanhamento às famílias pós-adoção (Fensbo, 2003).

É importante referir que o presente estudo é de natureza exploratória e qualitativa, sendo caracterizado por uma amostra de conveniência e de pequena dimensão. A generalização destes dados deve, por isso, ser cautelosa. Mais estudos serão necessários neste domínio para podermos de forma mais precisa compreender a realidade portuguesa da adoção inter-étnica e contribuir para melhor compreender como as famílias aceitam e integram a herança cultural dos seus filhos na sua cultura familiar. Ainda assim, pensamos ter contribuído para descrever algumas motivações e experiências destas famílias e alertar para a importância dos serviços pré- e pós-adoção para o desenvolvimento de competências de socialização cultural das crianças e dos seus pais.

Referências

- Bauer, M.W. (2000). Classical Content Analysis: A review. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds), *Qualitative Researching with text, image and Sound: A practical handbook* (pp. 131-151). London: Sage.
- Bestard, J. & Marre, D. (2004). Quien soy, entonces? Perspectiva de los Adoptados transnacionales Acerca de la Identidad y de la Etnia. In Howell. S (ed.), *La Adopción y el Acogimiento* (Cap. 3.4 e 8). Editorial: Universitat de Barcelona.
- Brodzinsky, D.M., (2011). Children's understanding of adoption: Developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and practice*, 42(2), 200-207.
- Brodzinsky, D.M., Smith, D.W. & Brodzinsky, A.B H. (1998). *Children's adjustment to adoption*. Thousand Oaks: Sage.
- Brodzinsky, D. M., Schechter, M. D. & Henig, R. M. (1992). *Being adopted: The lifelong search for self*. New York: Anchor Book.
- Clark, K., & Clark, M. (1947). Racial identification and preference in Negro children. In T. Newcomb & E. Hartley (Eds.), *Readings in social psychology*. New York: Holt.
- Fensbo, C. (2003). Mental and behavioural outcome of inter-ethnic adoptees: A review of the literature. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13, 55-63.
- Flick, U. (1992). *An Introduction to Qualitative Research*. London: Sage.
- Grotevant, H. (2008). *O Desenvolvimento da Criança e a Adopção*. Comunicação apresentada no 1º Congresso Internacional de Adopção, organizado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, do Instituto da Segurança Social I.P. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 19 e 20 de Novembro.

- Juffer, F. & Van IJzendoorn, M. H. (2005). Behavior problems and mental health referrals for international adoptees: A meta-analysis. *JAMA*, 293, 2501-2515.
- Juffer, F. & Van IJzendoorn, M. H. (2007). Adoptees Do Not Lack Self- Esteem: A Meta-Analysis of Studies on Self Esteem of Transracial, International, and domestic Adoptees. *Psychological Bulletin*, 133(6), 1067- 1083.
- Howell, S. (2001). Self- conscious Kinship: Some contested values in Norwegian transnational adoption. In S. Franklin e S. McKinnon (eds), *En relative values: reconfiguring kinship studies* (pp. 203 – 223). Durham & London: Duke University Press.
- Lee, R. (2003). The transracial adoption paradox: History, research, and counseling implications of cultural socialization. *The Counseling Psychologist*, 31(6), 711-744.
- Lee, R. and the Minnesota International Adoption Project (2010). Parental perceived discrimination as a postadoption risk factor for internationally adopted children and adolescents. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 16(4), 493-500.
- Lee, R., Grotevant, H.D., Hellerstedt, W.L., Gunnar, M.R. and the Minnesota International Adoption Project (2006). Cultural socialization in families with internationally adopted children. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 571-580.
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (Coords.) (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- McRoy. R. G., Zurcher, LA. Landerdale., M. L. & Anderson, R. N. (1982). Self esteem and racial identity in transracial and inracial adoptees. *Social Work*, 27, 522-526.
- Morant, N. (2006). Social representations and professional knowledge: the

representation of mental illness among mental health practitioners. *British Journal of Social Psychology*, 45, 817-838.

Oliveira., C. F. (2007). *Para Além do Sangue: Representações e Práticas dos Decisores de Adopção*. Tese de Mestrado em Sociologia, Lisboa: ISCTE-IUL.

Simon, R.J. & Alstein, H. (1996). The case for transracial adoption. *Children and Youth Services Review*, 18, 5-22.

Van IJzendoorn, M.H. & Juffer, F. (2006). The Emanuel Miller Memorial Lecture 2006: Adoption as intervention. Meta-analytic evidence for massive catch-up and plasticity in physical, socio-emotional, and cognitive development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, 1228-1245.

Zurita, J. F. & Martí, P. A. (2005). *Teoría e Practica de la Adopción*. In J.P. Ochotorena & M.I.A. Madariaga (Eds), *Manual de protección infantil* (pp. 471- 518). Barcelona: Masson.